

<https://doi.org/10.35520/diadorim.2014.v16n0a4024>

## **O ACENTO PRIMÁRIO EM PORTUGUÊS: GENERALIDADES E PROPOSTA DE ANÁLISE**

Vanessa Meireles<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Há duas hipóteses principais sobre a natureza do acento primário em português. De um lado, segundo Mateus (1983), os verbos e não verbos receberiam o acento determinado pela morfologia. Por outro lado, segundo Bisol (1992, 1999) e Wetzels (1992, 2007), o português brasileiro teria um sistema acentual fundado no peso silábico. Neste artigo, proporemos uma análise<sup>2</sup> à luz de um quadro teórico diferente: a fonologia “CVCV” ou “strict CV” (LOWENSTAMM: 1996, SCHEER: 2004). Mostraremos de que forma este quadro teórico dá conta do acento primário e as vantagens e desvantagens de tal análise. Veremos também uma reinterpretação do papel do peso silábico no sistema acentual.

**PALAVRAS-CHAVE:** acento primário; fonologia CVCV; peso silábico.

### **RESUME**

Il y a deux hypothèses principales concernant la nature de l'accent primaire en portugais. D'un côté, selon Mateus (1983), les verbes et non verbes recevraient l'accent d'après leur morphologie. D'un autre côté, selon Bisol (1992, 1999) et Wetzels (1992, 2007), le portugais brésilien aurait un système accentuel fondé sur le poids syllabique. Dans cet article, nous proposerons une analyse à la lumière d'un cadre théorique différent : la phonologie « CVCV » ou « strict CV » (LOWENSTAMM, 1996, SCHEER, 2004). Nous montrerons de quelle manière ce cadre théorique rend compte de l'accent primaire de mot et les avantages et les inconvénients d'une telle analyse. Nous verrons aussi une réinterprétation du rôle du poids syllabique dans le système accentuel.

**MOTS-CLÉS:** accent primaire; phonologie CVCV; poids syllabique.

---

1. Professor Doutor da Universidade Paris 8.

2. Para uma versão mais detalhada de nossa análise, cf. MEIRELES (2014).

## Algumas observações gerais sobre o acento de palavra em português

Como em outras línguas oriundas do latim, onde o acento de palavra era perfeitamente previsível segundo o peso silábico, pode-se questionar se o peso silábico seria pertinente na atribuição de acento em português de um ponto de vista sincrônico.

Mesmo se de forma geral o acento se manteve sobre a mesma sílaba na passagem do latim clássico para o latim vulgar, em seguida o acento adquiriu uma certa liberdade. Em português, como em espanhol, esta liberdade limita-se às três últimas sílabas da palavra, vestígio do sistema acentual latino:

- (1) Oxítonos: café, colar;
- (2) Paroxítonos: pedra, escola;
- (3) Proparoxítonos: médico, quilômetro.

Há poucas exceções a esta regra: palavras que sofrem epêntese (*técnica* [ˈte.ki.ni.ka]) e, nos verbos, certos grupos clíticos (*falávamos-te*), onde o acento recai na quarta sílaba a partir do final da palavra.

A acentuação mais frequente em português e em espanhol é o tipo paroxítono. Segundo Mateus & D'Andrade (2000), 70% das palavras do português terminadas por uma vogal são paroxítonas (*sala, livro, modelo*, etc.).

Segundo Bisol (1992), por volta de 80% das palavras terminadas por uma consoante são oxítonas (*papel, final, inglês*, etc.).

Pode-se separar as palavras oxítonas do português em dois grupos: (1) os oxítonos terminados por consoante (a maioria dos casos) e (2) as palavras oxítonas terminadas por uma vogal. Neste último caso, marcado, são quase sempre palavras de origem estrangeira, empréstimos do francês ou, no caso do português brasileiro em particular, empréstimos das línguas indígenas ou africanas.

Segundo Mateus & D'Andrade (2000), cerca de mil palavras terminadas por vogal são oxítonas (*guaraná* [gwa.ɾa.ˈna], *sabiá* [sa.bi.ˈa], *café* [ka.ˈfe], *jabuti* [ʒa.bu.ˈtʃi], etc.).

Se 80% das palavras terminadas por uma consoante são oxítonas, há também exceções, paroxítonas como *caráter* [ka.ˈɾa.teh] ou *lápis* [ˈla.piʃ], palavras com a penúltima sílaba leve (rima simples) e a última pesada (rima complexa, isto é, fechada por uma consoante ou contendo um ditongo), mas também palavras como *mártir* [ˈmah.tʃih] e *revólver* [he.ˈv w.veh], palavras com as duas últimas sílabas pesadas.

As palavras terminadas por uma vogal nasal, por um ditongo oral ou nasal, consideradas igualmente como sílabas pesadas, são oxítonas em geral (*maçã* [ma.ˈsã], *jardim* [ʒah.ˈdʒĩ], *nação* [na.ˈsãw̃], *chapéu* [ʃa.ˈpew̃], *herói* [e.ˈɾ j]). Mas há também exceções como *sótão* [ˈs tãw̃], *pônei* [ˈpo.nej], *órfão* [ˈ h.fãw̃].

O fato de que a maior parte das palavras terminadas por vogal sejam paroxítonas e as que são terminadas por consoante sejam oxítonas parece sugerir que o português é sensível ao peso silábico. O acento cairia na última sílaba da palavra se ela é pesada ou, senão, na penúltima sílaba. Mas este não é um ponto de vista compartilhado por todos os fonólogos que se interessaram pela questão. Nas análises de Mateus (1983) e Lee (1994, 1995, 2007), é necessário considerar a estrutura morfológica interna da palavra para descrever a atribuição do acento.

Nas formas não verbais, a maior parte dos paroxítonos é terminada por uma vogal temática /a, e, o/ (*casa, livro, parede*), ausente nos oxítonos (*amor, azul, café*). A partir da observação deste fato, algumas análises estabeleceram que a presença ou a ausência de vogal temática determina o lugar do acento: o acento recairia na última vogal do radical da palavra (cás]a, lívr]o, paréd]e; amór], azúl], café]).

Segundo Mateus & D'Andrade (2000), esta explicação dá conta de aproximadamente 80% das palavras do vocabulário vernacular. Há, claro, exceções, como *lápiz, frágil, órgão*. Mas o maior problema tanto para análises baseadas no papel da morfologia como no papel do peso silábico são as palavras proparoxítonas (*rápido, lâmpada, tábua, lírio*<sup>3</sup>).

Os proparoxítonos são ainda menos abundantes que os oxítonos e são submetidos a algumas restrições acentuais.

Uma dessas restrições concerne à penúltima sílaba da palavra. Se ela é pesada, a palavra não pode ser proparoxítona<sup>4</sup> (*damasco* \*['da.maʃ.ku] / [da.ʹmaʃ.ku]).

Se a última sílaba da palavra é pesada, os exemplos de proparoxítonos são muito raros (*Júpiter* ['ʒu.pi.teh], *óculos* ['.ku.luʃ], *ínterim* ['ĩ.te. rĩ]).

Outras restrições sobre o acento proparoxítono são: se houver uma consoante complexa [k<sup>w</sup>], [g<sup>w</sup>], palatal [ɲ, λ, ʃ, ʒ], semivogal palatal [j] ou “r forte” [h] no ataque da última sílaba a palavra também não pode ser proparoxítona<sup>5</sup>, como em espanhol (cf. HARRIS, 1983):

(1) Consoante complexa [k<sup>w</sup>]

(a) iníqua                    \*['i.ni.k<sup>w</sup>a]            [i.ʹni.k<sup>w</sup>a]

3. As sequências pós-tônicas de vogal alta + vogal são mais frequentemente realizadas como um ditongo crescente: ['ta.bwa], ['li. rju], assim como palavras do tipo *mágoa* e *área*, em virtude da neutralização das vogais médias em posição pós-tônica ([ʹma.gwa], [ʹa. rja]).

4. Há raríssimas exceções, como *pênalti* (do inglês *penalty*) e nomes próprios como *Émerson*.

5. Neste caso também há exceções. Bisol (1992b, p. 289) indica duas exceções com /k<sup>w</sup>/, a saber *séquano* (lat. *sequanos*) e *séquito* (lat. *sequitum*). Wetzels (2007) cita exemplos de proparoxítonos com [ʃ,ʒ]: *cônjuge* ['kõʒuʒi], *iídiche* [iʹidʒiʃi], *ápaga* [ʹapaʒi]. Quanto ao “r” forte podemos citar *córrego*. Estas restrições não são, portanto, absolutas.

- (2) Consoante palatal [ɲ, λ, ʃ, ʒ]
- |     |         |              |             |
|-----|---------|--------------|-------------|
| (a) | galinha | *[ˈga.li.ɲa] | [ga.ˈli.ɲa] |
| (b) | manilha | *[ˈma.ni.ʎa] | [ma.ˈni.ʎa] |
| (c) | boliche | *[ˈbo.li.ʃi] | [bo.ˈli.ʃi] |
| (d) | coruja  | *[ˈko.ɾu.ʒa] | [ko.ˈɾu.ʒa] |

- (3) Semivogal palatal [j]
- |     |       |           |          |
|-----|-------|-----------|----------|
| (a) | apoio | *[ˈapoju] | [aˈpoju] |
|-----|-------|-----------|----------|

- (4) “r” forte
- |     |         |              |             |
|-----|---------|--------------|-------------|
| (a) | cigarro | *[ˈsi.ga.hu] | [si.ˈga.hu] |
|-----|---------|--------------|-------------|

Além da estrutura segmental, podemos fazer algumas observações sobre o acento e a morfologia dos não verbos. Assim, o acréscimo de um sufixo flexional não altera o lugar do acento. A situação é mais complexa no caso de acréscimo de sufixo derivacional. Palavras derivadas por um sufixo terminado por consoante ou semivogal recebem o acento oxítono em geral, enquanto as palavras terminadas por um sufixo terminado por sílaba final aberta recebem o acento paroxítono:

- |     |        |                    |
|-----|--------|--------------------|
| (4) | parede | pared <u>ã</u> o   |
| (5) | jogo   | jogad <u>o</u> r   |
| (6) | doutor | doutor <u>ad</u> o |
| (7) | real   | real <u>is</u> mo  |

De acordo com estas observações sobre o acento nas formas não verbais, podemos formular ao menos quatro generalizações sobre o acento em português quanto à estrutura fonológica: (1) o acento está limitado às últimas três sílabas da palavra; (2) a penúltima posição é a preferida quando a palavra termina por vogal; (3) a última posição é preferida quando a palavra termina por consoante; (4) se a palavra é proparoxítona, a penúltima sílaba não pode ser pesada. Algumas regularidades morfológicas também podem ser apontadas. Como dissemos, a maior parte dos não verbos recebem o acento sobre a última vogal do radical. Há também o que se chama de “sufixos inacentuáveis” (*carnívoro, tônico*).

Uma das divergências nas análises já realizadas sobre o acento do português é determinar se há um único sistema de atribuição ou dois subsistemas, um para os não verbos e outro para os verbos.

No que concerne aos verbos, o papel da morfologia parece muito mais determinante na atribuição do acento do que no caso das formas nominais. Como nosso objetivo neste artigo é limitado à análise do sistema nominal, limitamo-nos a dizer que nos verbos as formas paroxítonas são mais abundantes, independentemente da estrutura fonológica, ou seja, se a sílaba é leve ou pesada parece ser indiferente para o acento. Como no sistema nominal, algumas regularidades morfológicas são constatadas, como o morfema de futuro, que é sempre acentuado (*falará* [futuro]).

Para nós, em vista dessas diferenças, defendemos que há dois sistemas. Vamos limitar nossa análise a seguir ao sistema nominal. Começaremos pela defesa da pertinência do peso silábico. Entretanto, como ficará mais claro no decorrer da explicação, o papel do peso silábico é reinterpretado de acordo com a teoria em que nos baseamos, a fonologia CVCV.

### **O acento em português: uma análise alternativa**

Nesta seção, vamos apresentar nossa proposta de análise sobre o acento em português. Apresentaremos de que maneira a teoria escolhida dá conta dos índices observados e reinterpreta o papel do peso silábico em português. Outra vantagem é aliar estrutura silábica e acentual em uma única representação.

De uma forma geral, as palavras apresentam um acento previsível, segundo um padrão que se manifesta, aliás, na formação de novas palavras. A previsibilidade deste acento parece ser dependente do peso silábico, de acordo com as análises de Bisol (1992) e Wetzels (2007), contrariamente às análises que consideram que o acento é determinado pela morfologia (MATEUS: 1983, LEE: 1994, 1995, 2007).

Consideramos que uma análise completa do funcionamento do acento em português não pode excluir completamente informações de ordem morfológica, mesmo se defendemos que a morfologia não é a principal responsável pelas regularidades observadas<sup>6</sup>.

Consideramos também que o português é uma língua de acento semifixo, pois há palavras que apresentam um acento imprevisível. Este acento imprevisível deve estar marcado ou presente desde a forma subjacente / representação lexical.

Vejamos então os fatos na teoria CVCV, uma teoria mais radical da Teoria do Governo<sup>7</sup>. Nesta teoria, a sílaba possui apenas dois constituintes, C e V, segundo a proposta inicial de Lowenstamm

6. Contrariamente ao que defendemos aqui, Lee (2007) propõe que a morfologia (ou as restrições de ordem morfológica) prevalecem em relação à fonologia na atribuição do acento. Em nossa análise, é a a fonologia que dirige a atribuição do acento nos nomes, mesmo se algumas informações de ordem morfológica são levadas em conta em alguns casos particulares.

7. Para mais detalhes sobre a Teoria do Governo, cf. Kaye, Lowenstamm & Vergnaud (1985, 1990).

(1996), desenvolvida por SCHEER (1998, 2004)<sup>8</sup>. Segundo a teoria CVCV, não existem ataques complexos nem codas. As sílabas mais complexas que CV como as sílabas fechadas, as consoantes geminadas e as vogais longas podem ser reduzidas a uma configuração simples CV, se admitirmos a existência de núcleos e ataques vazios:

(8) Sílabas fechadas	Reanálise
[CVC] [CV]         t a k t i	[CV] [CV] [CV]         t a k t i
(9) Consoante geminada	Reanálise
[CVC] [CV]     ∨   b a t a	[CV] [CV] [CV]     ∨   b a t a
(10) Vogal longa	Reanálise
[CVV]   ∨ b a	[CV] [CV] [CV]   ∨ b a

A fim de verificar as vantagens ou desvantagens que esta teoria traz à descrição dos tipos acentuais do português, passemos então à forma como o acento é representado nesta teoria.

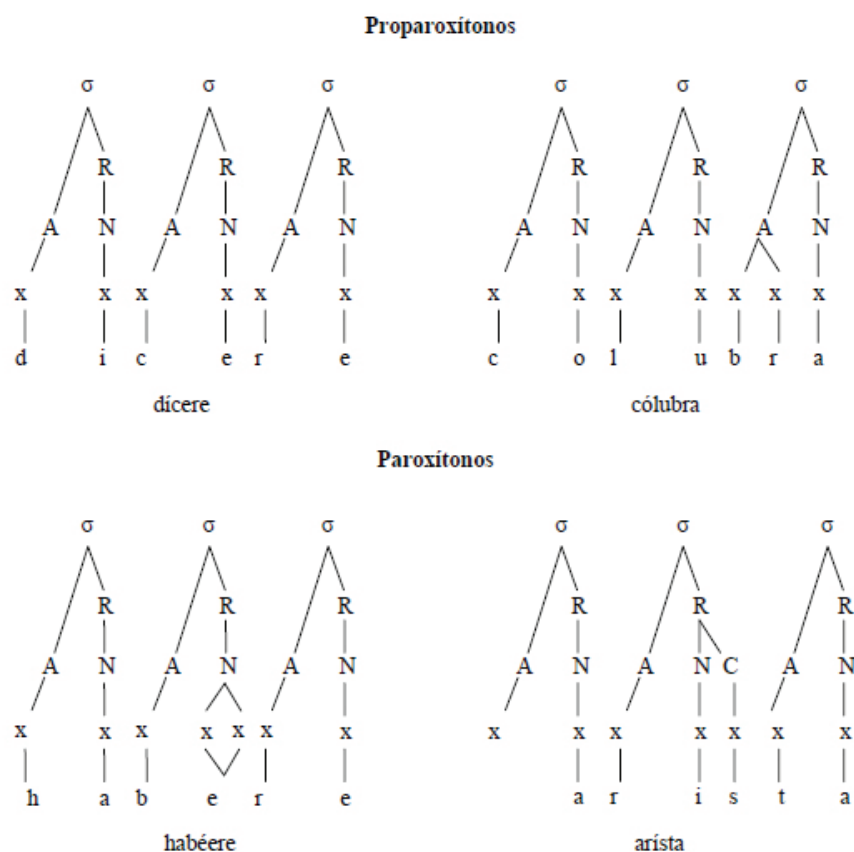
Na fonologia autosegmental, é corrente o uso de um nível independente de representação da estrutura acentual (LIBERMAN; PRINCE, 1977) e um outro nível para a estrutura silábica. Isto se deve ao fato de que, nas línguas em que o peso silábico é pertinente para o funcionamento do acento, o que é levado em conta é apenas a estrutura interna da rima silábica.

Assim, em certos sistemas acentuais distinguem-se sílabas leves e pesadas. Nesses sistemas, CVV e CVC são sílabas pesadas porque atraem o acento, em oposição a sílabas do tipo CV, que apenas recebem o acento automaticamente.

8. Cf. também a análise mais recente de Scheer (2014).

Scheer (2004)<sup>9</sup> propõe uma representação unificada da estrutura silábica e acentual. Para expor a análise em termos de CVCV sobre o acento, o autor utiliza como ilustração o sistema latino. Reproduzimos de forma resumida seu raciocínio. Em latim, nas palavras de mais de duas sílabas<sup>10</sup>, o acento é proparoxítono, exceto se a penúltima sílaba é pesada, caso em que ela atrai o acento sobre si. A representação clássica desse fato é a seguinte:

(11) Representação silábica de palavras proparoxítonas e paroxítonas em latim



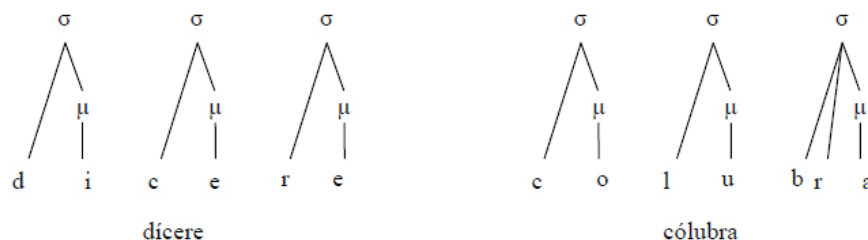
Nos termos da teoria mórica (HAYES: 1981, 1982, 1989, 1995; HYMAN: 1985), pode-se dizer que o acento cai na antepenúltima mora da palavra. Nos mesmos exemplos, a representação é a seguinte:

9. Cf. capítulo 11, “Argument Six, Unified representations for the syllable and stress”, pp. 597-623. Cf. também Scheer & Szigetvári (2002) e Szigetvári & Scheer (2005).

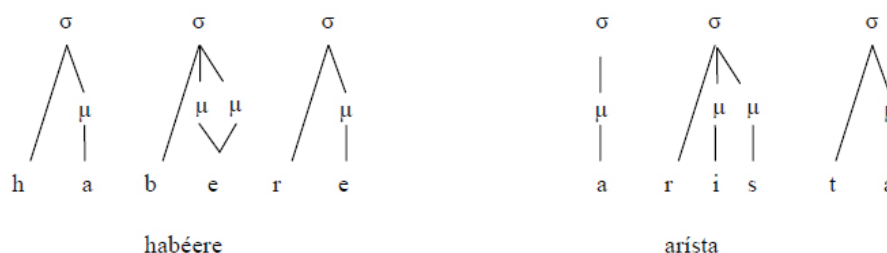
10. As palavras dissilábicas são sempre acentuadas na penúltima sílaba.

## (12) Representação mórica de palavras proparoxítonas e paroxítonas em latim

## Proparoxítonos



## Paroxítonos



O latim é, portanto, uma língua sensível ao peso silábico. Para unificar a representação silábica e acentual, Scheer (2005) aponta o fato de que as codas podem ou não contar para o peso silábico, enquanto ataques nunca contam.

Se, como é postulado em CVCV, uma coda é na verdade um ataque seguido de um núcleo ou posição V vazia, não são as consoantes em coda que podem ou não contar em certas línguas: *o que conta sempre são os núcleos*, preenchidos ou vazios.

O parâmetro conhecido como *Weight-by-position* (HAYES, 1989) é então reformulado: não se trata da pertinência métrica das codas, trata-se da visibilidade de núcleos vazios. O equivalente de uma sílaba bimórica em CVCV é um par de duas unidades CV.

Há que se fazer uma ressalva. Segundo Scheer (2005), há uma diferença entre sequências consonânticas formadas por ataques complexos (sequências de sonoridade crescente) de um lado e sequências formadas por coda + ataque de outro na terminologia corrente (sequências de sonoridade decrescente). Esta diferença seria devida à visibilidade dos núcleos. Scheer (2005) afirma que os núcleos vocálicos vazios existentes num ataque dito “complexo” não contam por causa da interação melódica entre as consoantes: o governo infra-segmental. Para não estender aqui a discussão além do escopo desejado neste artigo, diremos simplesmente que o acento não “veria” estes núcleos vazios, pois não é sensível a propriedades melódicas dos segmentos. Já o núcleo vazio existente entre uma “coda” e um

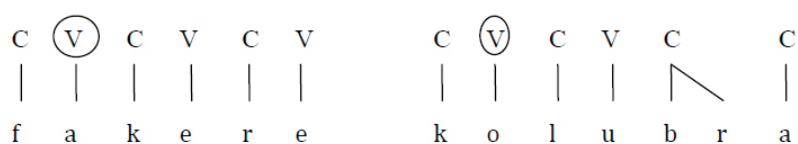


ataque adjacentes pode ou não ser visível para o acento, pois permanece vazio em virtude de outra relação de governo, o governo próprio, um mecanismo suprasegmental e, portanto, não melódico.

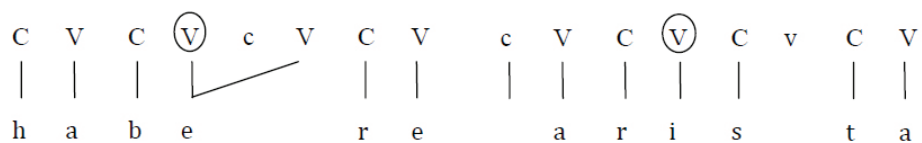
Assim, nos termos de CVCV, o acento latino cai na vogal associada ao antepenúltimo núcleo, contando núcleos preenchidos ou vazios:

(13) Representação de proparoxítonos e paroxítonos em latim em CVCV (SCHEER & SZIGETVÁRI: 2005, p. 58)

a) Proparoxítonos



b) Paroxítonos



Há, entretanto, três grupos que escapam a esta generalização: os casos de *dóminus*, *fáciō* e *fórmula*.

Em *dóminus* e *fáciō*, as sílabas finais pesadas não interferem na atribuição do acento em latim, razão pela qual as análises mais correntes lhes atribuem o estatuto de “extramétricas” (*dómi<nus>*, *fáci<ō>*). Em CVCV, a extrametricidade de elementos de uma palavra não pode ser formulada da mesma maneira, pois estas sequências correspondem a dois CVs: em um caso com um núcleo vazio final (*dóminus(V)*) e no outro com uma vogal longa (*fáci(C)o(C)o*).

O caso de *fórmula* é ainda mais problemático para CVCV, pois o acento cairia na quarta posição vocálica a partir do final da palavra. Para dar conta deste caso, Scheer & Szigetvári (2005, p. 58), sugerem um mecanismo que poderia transferir o acento à esquerda da posição vazia, já que o acento só pode cair sobre uma posição vocálica preenchida.

Apesar desses problemas, a análise CVCV parece ter ao menos duas vantagens teóricas. A primeira vantagem é unificar representação silábica e acentual em uma única configuração. Em outras teorias, as unidades pertinentes para o peso silábico projetam um asterisco ou mora na grade métrica. Se, entretanto, o acento só conta núcleos, não há mais necessidade de projeção, a informação necessá-

ria já está na representação silábica. A segunda vantagem é decorrente do fato que o acento seria um fenômeno essencialmente vocálico. Sabe-se que só as consoantes em coda acrescentam ou não peso à sílaba. As análises clássicas são neutras no que diz respeito ao peso do ataque, não fazem nenhuma previsão sobre a impossibilidade de ataques serem pertinentes para a atribuição do acento. Em outras palavras, não podem prever a impossibilidade de uma língua em que apenas ataques contam e codas não. O fato de que apenas codas podem contar para o acento é previsto em CVCV, como uma consequência formal da teoria.

Voltemos à análise do português, aplicando o mesmo raciocínio segundo o qual as unidades contabilizadas para o acento são posições vocálicas.

Primeiramente, vimos que o acento nesta língua está limitado às três últimas sílabas da palavra, o acento podendo cair na última sílaba, na penúltima, caso mais frequente, ou na antepenúltima. É preciso separar as palavras oxítonas em dois grupos: (a) oxítonos terminados por uma vogal e (b) oxítonos terminados por uma consoante.

A maior parte das palavras do português terminadas por uma consoante é oxítona. Os oxítonos terminados por vogal, os casos marcados, são em geral empréstimos.

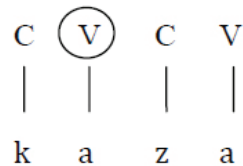
Os paroxítonos não marcados acabam por vogal, os marcados por consoante tendem a uma regularização com simplificação da sílaba final (por exemplo *homem* → *homi*).

Os proparoxítonos são o grupo menos abundante e tenderiam, numa pronúncia popular, a se tornarem paroxítonos (por exemplo, *abóbora* → *abobra*).

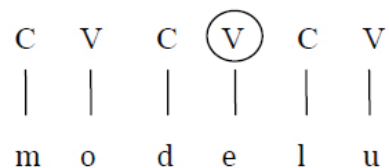
Reformulando essas regularidades do português nos termos CVCV, diremos que *o acento previsível cai na penúltima posição vocálica*:

(14) Paroxítonos em CVCV

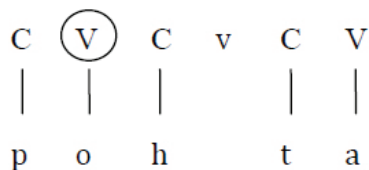
a) *casa* [ˈkaza]



b) *modelo* [moˈdelu]



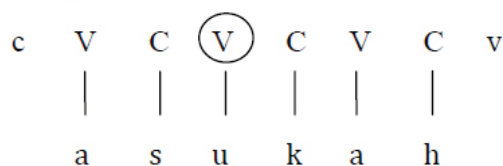
c) *porta* [ˈpɔhta]



Na palavra *porta*, o acento não pode cair na penúltima posição V, pois ela está vazia. O acento cai então na antepenúltima posição nuclear. Note-se que, neste caso, certos paroxítonos no nível fonético são proparoxítonos fonológicos, isto é, acentuados na antepenúltima posição V.

Desta forma, palavras como *porta* receberiam o acento sobre o antepenúltimo núcleo vocálico como os paroxítonos marcados como *açúcar* ou *revólver*, com uma última sílaba “pesada”:

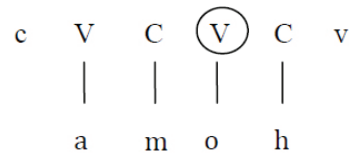
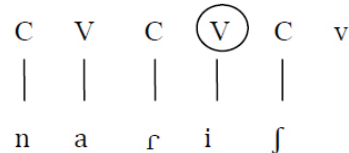
d) *açúcar* [aˈsukah]



O fato que, na estrutura fonológica que propomos, formas como *porta* e *açúcar* tenham a mesma representação parece causar um problema: *porta* não é sentido como marcado, como *açúcar*. A diferença é que numa palavra como *porta*, o acento não pode cair na posição vocálica padrão, a penúltima, porque ela está vazia: a contagem continua em direção à borda esquerda da palavra e o acento cai na próxima posição vocálica associada a uma melodia. Na palavra *açúcar*, a penúltima posição vocálica, a preferida, está preenchida. Apesar disso, o acento está na antepenúltima sílaba. A nosso ver, isto poderia explicar porque a palavra *açúcar*, mas não a palavra *porta*, é sentida como marcada para o acento. Este acento deve ser marcado lexicalmente.

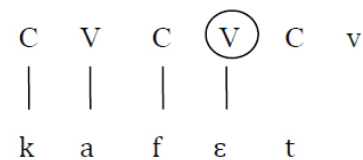
Os oxítonos não marcados, terminados por uma consoante, recebem o acento na penúltima posição vocálica:

## (15) Oxítonos em CVCV

a) *amor* [a'moh]b) *nariz* [na'rif]

CVCV consegue assim reunir o caso dos oxítonos não marcados, terminados por consoante, com os paroxítonos não marcados, com uma sílaba final aberta, sob uma mesma e única generalização: nos dois casos o acento cai na penúltima posição V.

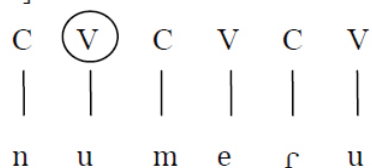
Resta o caso dos oxítonos terminados por vogal, casos marcados. Em sua análise, Bisol (1992) justifica a existência de tais casos recorrendo à existência de uma consoante subjacente, atestada nas palavras derivadas: *café*, *cafeteira*. Em CVCV, não há C sem V, um pressupõe o outro. Nesse caso, podemos dizer que é o núcleo final vazio que é contado:

c) *café* [ka'fɛ]

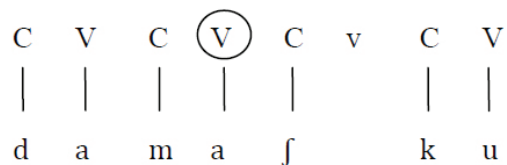
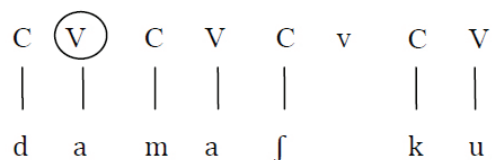
Entretanto, nos oxítonos terminados em vogal e que não apresentam tal consoante em formas derivadas conexas, é preciso marcar o acento imprevisível lexicalmente.

Em seguida, é preciso dar conta dos proparoxítonos. Vimos que à parte da grande regularidade do acento paroxítono, o acento pode recuar até a antepenúltima sílaba da palavra. Como eles escapam à acentuação padrão, devem ser acentuados desde o nível lexical:

## (16) Proparoxítonos em CVCV

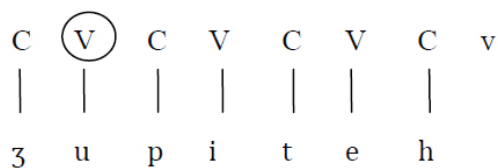
a) *número* ['numeɾu]

Não se deve esquecer que existem restrições fonológicas que regulam a existência dos proparoxítonos. Não há proparoxítonos com penúltima sílaba pesada. Em outras análises este fato não é motivado, trata-se de uma lacuna idiossincrática, isto é, os proparoxítonos seriam de qualquer forma excepcionais. Entretanto, CVCV pode trazer uma resposta direta e não acidental ao fato de que certos proparoxítonos são impossíveis: a penúltima sílaba de um proparoxítono não pode ser pesada porque senão o acento cairia na quarta posição vocálica da direita para a esquerda:

b) *damasco* [da'maʃku]c) \**dámasco* \*['damaʃku]

Porém, duas formas atestadas são problemáticas para CVCV: os proparoxítonos cuja última sílaba ou antepenúltima sílaba é pesada.

Em um proparoxítono com a última sílaba pesada como *Júpiter*, o acento cairia na quarta posição:

a) *Júpiter* ['ʒupiteh]

Em latim, há um caso em que sílabas finais pesadas se comportam como leves, como na palavra *dóminus*. As análises clássicas recorrem então à noção de extrametricidade: a última sílaba <nus> é extramétrica, ela não é “vista” pelo acento. Em CVCV, como não há o nó silábico, a extrametricidade desta sequência é formulada em outros termos. O que é extramétrico é a consoante final “s”. Segundo Scheer (2004), a visibilidade dos núcleos finais seria paramétrica (e independente da visibilidade dos núcleos internos). Poderíamos ficar tentados a dizer então que o último núcleo de proparoxítonos como *Júpiter* em português é extramétrico. Mas se a extrametricidade de todos os núcleos finais é paramétrica, não se explica porque os núcleos finais em *amor* e *açúcar* contam na mesma língua. Como se trata de uma pequena lista de palavras, nas quais o núcleo final não deve ser contado, parece-nos mais razoável marcar estes casos um a um como exceções e atribuir o acento lexicalmente a fim de não exceder a restrição sobre as três últimas posições vocálicas.

Como dissemos, os proparoxítonos com uma antepenúltima sílaba pesada também causam uma complicação para CVCV (latim *fórmula*), pois o acento cairia na quarta posição vocálica (a antepenúltima está vazia, entre -r e -m). O mesmo problema se impõe em português (*fórmula*, *exército*, *plástico*, *lâmpada*): o acento cairia na quarta posição vocálica. Este último caso é realmente problemático para a teoria CVCV.

Por último, consideremos um contexto particular, envolvendo sequências vocálicas. Um caso em que o acento não cairia automaticamente na penúltima posição vocálica, como propomos, concerne ao contexto de uma vogal alta seguida de uma outra vogal em posição final de palavra (V[+alta] + V#). Nesse contexto, em geral, o acento cai na antepenúltima sílaba (*história*). Segundo Hermans & Wetzels (2012, p. 94), haveria uma restrição que impediria a vogal alta de receber o acento neste contexto: “if the penult syllable contains a high vowel immediately followed by another vowel, then the main-stress is generally on the antepenult”. Dissemos que uma palavra proparoxítona como *história* é mais frequentemente realizada como um ditongo crescente [iʰtɔRja]. Defendemos que é a mesma restrição que atuaria em palavras como *aula* e *cadeira*, igualmente com uma melodia alta na penúltima posição, precedida por outra melodia vocálica. Neste tipo de caso, o acento não marcado cai na antepenúltima posição vocálica e se observa a formação de um ditongo ([ʰaw]la). Os casos marcados apresentam hiato (*saúde*, *saída*). Nessa concepção dos fatos, ditongos decrescentes como *aula* correspondem a hiatos subjacentes. Trata-se, portanto, de um proparoxítono fonológico, da mesma forma que uma palavra como *história*. Teríamos assim casos de proparoxítono previsível, mas apenas com estes dois tipos de sequências envolvendo vogais altas.

## Considerações finais

Após termos considerado as generalidades sobre o funcionamento do acento em português, propusemos uma análise à luz da teoria CVCV. Uma vantagem significativa é unir estrutura silábica e acentual, não havendo mais necessidade de separação de níveis diferentes de análise. Em nossa análise, o acento não marcado do português cai na penúltima posição vocálica da palavra. Isto permite abarcar os casos de oxítonos não marcados (terminados por sílaba pesada) e paroxítonos não marcados (terminados por sílaba leve). Reunimos ainda a acentuação de palavras como *história* e *cadeira* sob a mesma descrição contextual. As restrições evocadas para a inexistência de certos proparoxítonos parecem encontrar uma motivação mais clara: não haveria proparoxítonos com uma penúltima sílaba pesada porque isto equivale a acentuar a quarta posição vocálica a partir do fim da palavra (\**dâmasco*). Todavia, outros problemas advêm, como os casos de *Júpiter* e *fórmula*. Além disso, se consideramos que em português o acento conta apenas posições vocálicas, os casos com ditongos crescentes como *aula* e *cadeira*, não marcados em relação à *saúde* e *saída* (paroxítonos com hiato), tornam-se proparoxítonos, ao menos no nível fonológico. Isto tem como inconveniente aumentar o número de proparoxítonos na língua. No entanto, parece-nos que, apesar dos problemas levantados, nossa proposta é uma contribuição ao debate sobre o assunto.

**Artigo recebido: 20/10/2014**

**Artigo aceito: 15/12/2014**

## Referências bibliográficas

BISOL, Leda. “O acento e o pé métrico binário”. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 22, pp. 69-80, 1992. Republicado em *Letras de Hoje*, 98, pp. 25-36, 1994.

\_\_\_\_\_. “A sílaba e seus constituintes”. In.: M. H. de M. Neves (org.). *Gramática do português falado*. 2. ed. São Paulo: Humanitas/Campinas: Editora da UNICAMP, VII: Novos Estudos, 1999, pp. 701-742.

HARRIS, James W. *Syllable Structure and Stress in Spanish*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1983.

HAYES, Bruce. *A Metrical Theory of Stress Rules*. PhD dissertation. Bloomington: Indiana University Linguistics Club, 1981.

\_\_\_\_\_. “Extrametrically and English stress”. *Linguistic Inquiry*, 13, pp. 227-76, 1982.

HAYES, Bruce. “Compensatory Lengthening in Moraic Phonology”. *Linguistic Inquiry*, 20, pp. 253-

306, 1989.

\_\_\_\_\_. *Metrical Stress Theory. Principles and Case Studies*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1995.

HERMANS, Ben; WETZELS, Leo. “Productive and Unproductive Stress Patterns in Brazilian Portuguese”. *Letras & Letras*, 28 (1), pp. 77-114, jan./jun, 2012.

HYMAN, Larry. *A Theory of phonological Weight*. Dordrecht, Holland; Cinnaminson, U.S.A: Foris Publications, 1985.

KAYE, Jonathan; LOWENSTAMM, Jean; VERGNAUD, Jean-Roger. “The internal structure of phonological representations: a theory of charm and government”. *Phonology Yearbook*, 2, pp. 305-328, 1985.

\_\_\_\_\_. “Constituent structure and government in phonology”. *Phonology*, 7, pp. 193-231, 1990.

LEE, Seung-Hwa. “A regra de acento do português: outra alternativa”. *Letras de Hoje*, 29 (4), pp. 37-42, 1994.

\_\_\_\_\_. *Morfologia e Fonologia Lexical do Português*. Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 1995. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000095991>>.

\_\_\_\_\_. “O acento primário no português: uma análise unificada na Teoria da Otimalidade”. In: G. Araújo (org.). *O Acento em Português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, pp. 120-143.

LIBERMAN, Mark; PRINCE, Alan. “On stress and linguistic rhythm”. *Linguistic Inquiry*, 8 (1), pp. 249-336, 1977.

LOWENSTAMM, Jean. “CV as the only syllable type”. In: J. Durand & B. Laks (orgs.). *Currents Trends in Phonology: Models and Methods*, CNRS, Paris X: ESRI, 2, 1996, pp. 419-441.

MATEUS, Maria Helena Mira; D’ANDRADE, Ernesto. *The phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

MATEUS, Maria Helena Mira. “O acento de palavra em português: uma nova proposta”. *Boletim de Filologia*. Tomo XXVIII. Lisboa: Centro de linguística da Universidade de Lisboa, pp. 211-229, 1983.

MEIRELES, Vanessa. *Analyse phonologique et métrique des glides et diphtongues en portugais brésilien*. Thèse de doctorat, Université Paris 8, 2014.

SCHEER, Tobias; SZIGETVÁRI, Péter. “Unified representations for the syllable and stress”. Paper presented at the 10th Manchester Phonology Meeting, Manchester 23-25, May 2002. Disponível em: <<http://www.unice.fr/dsl/tobias.htm>>.

SCHEER, Tobias. “A unified model of Proper Government”. *The linguistic Review*, 15, pp. 41-67, 1998.



\_\_\_\_\_. *A LATERAL THEORY OF PHONOLOGY. WHAT IS CVCV AND WHY SHOULD IT BE?* VOLUME 1. BERLIN: M. DE GRUYTER, 2004.

\_\_\_\_\_. *Précis de structure syllabique*. ENS Éditions, 2014.

SZIGETVÁRI, Péter; SCHEER, Tobias. Unified representations for the syllable and stress. *Phonology*, 22, pp. 37-75, 2005.

WETZELS, Leo. Mid Vowel Neutralization in Brazilian Portuguese. *Caderno de Estudos Linguísticos*, 23, pp. 19-55, 1992.

\_\_\_\_\_. Primary Word Stress in Brazilian Portuguese and the Weight Parameter. *Journal of Portuguese Linguistics*, 5 (2), pp. 9-58, 2007.